

Revista da

FACED

Universidade Federal da Bahia



7

ISSN 1516-2907

Ser e Parecer “Patricinha”: família, amigos e identidade na adolescência

RESUMO: Baseado em pesquisa realizada com mais de 100 adolescentes de camadas médias e altas da Zona Sul do Rio de Janeiro, este artigo tem por objetivo discutir as configurações sociais que determinam os novos papéis da família, dos amigos e da indústria cultural na construção da noção de adolescência e das identidades entre os indivíduos que vivem esta fase da vida.

A partir dos resultados da pesquisa quantitativa e das entrevistas pessoais realizadas, é feita uma reflexão sobre as representações na adolescência e sua contribuição para as formas de classificação que se estabelecem nas relações sociais. Entre outras questões, é destacada a categoria de acusação “patricinhas”.

PALAVRAS-CHAVE: adolescência, família, gênero.

Cláudia da Silva Pereira
Mestre em Antropologia Social
Doutoranda em Antropologia
Social na UFRJ
caupereira@uol.com.br

Ah, bem patricinha é escova no cabelo impecável, andar meio rebolando, uma roupa bem que tá todo mundo usando e detalhes, tipo brinco enorme, maquiagem... Todo mundo fala de patricinha como uma ofensa, eu acho que não é nenhuma ofensa. Eu acho que é um estilo de roupa como o grunge, como a forrozeira, tem estilos de visual. E assim como a patricinha pode ser super culta, saber muita coisa, ela pode ser burra mesmo, assim como pode ter um forrozeiro que sabe tudo de História e pode ter um cara que não sabe nada de nada, totalmente alienado. (Carla)

Com depoimentos como este, de uma adolescente de 17 anos, escrevi muitas das páginas que resultaram em minha dissertação de mestrado, “Patricinhas da Zona Sul: adolescência nas camadas médias cariocas”, e em um interesse cada vez maior pelo universo adolescente. Ao contrário do que pode parecer, a expressão “patricinha” provou que não vive só de aparências: ela pode ajudar a desvendar muito sobre as formas de classificação e a construção das identidades na adolescência.

O objetivo principal de minha tese foi refletir sobre o processo pelo qual são construídas as diferenças dentro da adolescência, geradas por mecanismos identitários de inclusão e exclusão

social. Diante da diversidade típica desta faixa etária, optei por fazer um estudo de um estilo de vida que teve sua origem na cidade do Rio de Janeiro e que, hoje, está presente em outros estados do país: o estilo de vida das “patricinhas”.

Na primeira fase da pesquisa, foram aplicados 100 questionários em adolescentes do sexo feminino, de 15 a 19 anos, moradoras da Zona Sul do Rio de Janeiro e estudantes de cinco escolas freqüentadas pelas camadas médias e altas da cidade. A partir de suas respostas, foram estabelecidas as questões que seriam pertinentes para todo o desenvolvimento da investigação. Entre elas, a própria noção do termo “patricinha”, que se revelou uma categoria de acusação e que conduziu toda a análise do trabalho sobre as formas de classificação na adolescência.

Também dos resultados da pesquisa quantitativa, foram destacados outros elementos que surgiram como referenciais para as adolescentes: a revista *Capricho*, o seriado americano *Friends*, páginas virtuais da Internet e guias de beleza.

A última etapa do trabalho de campo era a oportunidade de estar frente a frente com o discurso e o comportamento tão peculiar desta fase da vida. Foi assim que entrevistei 6 adolescentes do sexo feminino, sendo duas de 16 anos, duas de 17 anos e duas de 19 anos, moradoras da Zona Sul. Com exceção de duas universitárias, todas são alunas de colégios particulares e cursam o Ensino Médio. Elas foram escolhidas e recrutadas a partir de indicações dadas por elas mesmas, formando uma “rede” de relacionamentos: as adolescentes, no final das entrevistas, tomavam conhecimento do perfil desejado e faziam suas sugestões de nomes de amigas.

A construção das identidades na adolescência é um processo complexo que envolve, principalmente, três instituições sociais: a Família, a Escola e a Indústria Cultural. Partindo da análise dos resultados da pesquisa quantitativa, realizada no final de 2001, pretendo discutir as novas formas de interação da Família com as demais “autoridades” (Bauman, 2000) que atuam permanentemente sobre este indivíduo que, em sua transitoriedade, deixou de ser criança, mas ainda não pertence ao mundo dos adultos.

Em sua definição sobre “modernidade líquida”, em que a solidez do capitalismo moderno foi substituída pela fluidez de um capitalismo sem amarras, Bauman (2000) afirma que as instituições sociais tradicionais tiveram seus muros derrubados. “Derre-

tendo sólidos”, segundo este autor, a sociedade apresenta ao indivíduo oportunidades e referências incessantes, onde as “autoridades tendem a cancelar-se mutuamente” (Bauman, 2000, p. 76). O que prevalece é a escolha individual, que toma como “exemplos”, entre outros, as experiências de “celebridades”, transformadas em referências sociais e em uma espécie de “especialistas” que ajudam o indivíduo a tomar suas decisões nos mais diversos setores de sua vida.

As referências familiares tiveram sua importância deslocada para uma outra esfera nas representações da adolescência. Longe de afirmar que a família deixou de ser uma autoridade, o que se propõe aqui é relativizar o seu peso diante de outras forças sociais, como as redes de amizades e a indústria cultural, por exemplo.

Sodré (1992) analisa a transição dos referenciais na adolescência num momento em que os padrões familiares são ultrapassados pelos da informação, seja ela na forma de música, de moda, de comportamento, de linguagem, etc. Os anos 90 inauguraram esta autoridade da informação, onde os maiores canais são as mídias eletrônicas, principalmente televisão e computador, através da Internet. Na opinião de Sodré (1992, p. 72), “pouco a pouco, tem perdido força o exercício da função educativa dentro do grupo familiar”. Segundo o autor, o maior acesso a essas informações forja uma participação social, no lugar da ação real implicada na “ética familiar”, inculcando valores que interessam à “ética do consumo”. Desta forma, há uma dessacralização da família, o que geraria “qualidades mais rápidas”, de satisfação e prazer, substituindo as “qualidades lentas, comprometidas com a socialização tradicional”.

A família, representada pelas figuras materna e paterna, surge como o mundo adulto mais próximo das pesquisadas. Tanto, que em algumas de suas respostas a questões que buscavam seus pontos de vista sobre a adolescência, as pesquisadas não diferenciam os seus pais dos “adultos”, no sentido mais amplo. E esta relação mais “íntima” e familiar introduz a adolescente às questões que tornam sua entrada no mundo adulto, muitas vezes, conturbada e cheia de inseguranças. Apresentando alguns dados da pesquisa, é possível demonstrar esta afirmação.

De todos os questionários, 22% afirmam que a adolescência é um período em que se forma o caráter e a personalidade do indivíduo. É quando se sai em busca de sua “identidade”. Uma

delas disse que é o “momento em que conhecemos o mundo à nossa volta, analisamos as pessoas e suas atitudes, começamos a formar opiniões e nos tornamos cidadãos”.

Uma das respostas afirmava que “o lado ruim é o estereótipo da adolescência. O adolescente é irresponsável, temperamental. Ele é bobo (isso os adultos dizem)”.

Sendo uma “fase de acontecimentos marcantes” -1%, a adolescência tem, para 5% das jovens, o seu lado bom, que é a “desculpa de ser adolescente”, o que justificaria as atitudes “de criança” e “irresponsáveis” em alguns momentos.

A dependência financeira aparece como uma desvantagem e, contraditoriamente, como uma vantagem para elas. Essa dependência, em geral dos pais, não deixa que a adolescente faça tudo o que quer. A falta de maiores compromissos com família e trabalho, por outro lado, é tida como um lado bom da adolescência para 22% das jovens. Essa opinião reforça outras 24% que consideram a adolescência um período quando “você pode sonhar e realizar cada doideira”, é “curtição” e “diversão” o tempo todo. É quando a pessoa começa a se tornar independente, a ganhar mais liberdade -14%.

A dependência financeira também traz os conflitos com a família. A “marcação dos pais”, o excesso de preocupação e a mãe “um pouco insegura” -11% - as privam de terem mais liberdade. Segundo elas, os “limites impostos sem motivos concretos” geram uma das faces ruins da adolescência, segundo 9% das pesquisadas, que são “as brigas que acabam acontecendo em casa, com os pais, por ser um momento de transição”.

2% descrevem a adolescência como uma fase em que se “prefere estar com os amigos do que com a família”. Outras 29% escrevem que o lado bom são “os amigos, os namorados, as saídas para boates”, além das oportunidades para “conhecer pessoas”.

A “pressão escolar” é citada por 9% como uma das desvantagens de ser adolescente. “As pessoas jogam muitas responsabilidades em cima de nós”, afirmou uma pesquisada. 5% afirmam que há “falta de confiança das pessoas em você”. Segundo essas adolescentes, elas “não são levadas a sério pelos adultos”.

Por ser um momento de escolhas, segundo 13% das respostas, a adolescência tem seu lado positivo já que é quando se percebe que “a vida está nas próprias mãos”. É quando ela se sente “dona das próprias escolhas”, segundo uma das pesquisadas. Por outro lado, é quando se tem que assumir os erros.

As adolescentes também foram solicitadas a citar o lado bom e o lado ruim da adolescência, o que revelou a representação paradoxal que as adolescentes têm da “fase da vida” que vivem. Para cada resposta, havia um lado bom e outro ruim. Essa dualidade se apresenta de forma marcante no discurso das adolescentes. Muitas vezes, esses lados parecem conflitantes. Na Tabela 1, estão enumeradas as principais respostas.

Outra pergunta do questionário investigava se elas se consideram adolescentes. De todas, 96% disseram que sim. Das outras 4% pesquisadas, 1% não respondeu. 2% delas (uma de 16 e outra de 18 anos) se consideram “uma mulher” e 1%, “uma adulta, pois já sei o que quero e o que vou ter que enfrentar” (16 anos).

Diante desses resultados, cabe uma discussão acerca do estereótipo da adolescência. Soares (2000) analisa a adolescência como um processo construído socialmente, refutando muitos estudos que, numa fase anterior, naturalizavam esta fase da vida. Para a autora, a adolescência é um momento em que a maturidade sexual se contrapõe à imaturidade jurídica e psicológica. Nessa fase, não há controle sobre os impulsos sexuais e as alterações fisiológicas, decorrentes da atuação dos hormônios, transformam a adolescência num caldeirão de “fenômenos de mal-estar, de confusão, de hesitações e de indefinições”. O mundo adulto considera o corpo adolescente incapaz, subestimando-o. Desta forma, ele deve ser administrado pelos maduros e capazes adultos e “protegidos deles mesmos”.

Esta descrição apresenta as inquietações físicas da fase que ligam a infância à idade adulta como uma construção social, já que, como quer Soares (2000), cada sociedade vive de uma forma a adolescência.

Retornando à pesquisa e comparando estas questões com as declarações das adolescentes quanto ao estereótipo da adolescência, entendemos porque ele é tido como algo negativo. O mundo adulto, na tentativa de “administrar” esse Outro que é “irresponsável, temperamental e bobo”, o subestima e reforça a crença de que, para ser aceita, a jovem precisa assumir o papel que lhe cabe na sociedade: responsável, equilibrada e madura. Daí a citada “pressão escolar” e o início das cobranças. Por outro lado, o fato declarado pelas pesquisadas de que as pessoas enfatizam os erros por se tratar justamente de uma adolescente, também explica-se por essa construção social. Soares afirma que “nossa [dos adultos] relação com a adolescência é feita de desconfiança, medo e repressão preventiva”.

Família, Casamento e Projetos de Vida

Um dos pontos importantes da pesquisa é a abordagem que foi feita sobre questões ligadas ao núcleo familiar e aos projetos de vida das adolescentes com relação ao casamento e aos filhos.

Os dados da pesquisa apontam para um padrão na configuração do núcleo familiar. As adolescentes pesquisadas não são filhas únicas - 82% declararam ter irmãos ou irmãs. Deste total, 20% disseram que têm irmãos de outro casamento de seu pai e/ou de sua mãe. Além disso, elas moram com seus pais, pretendem se casar na Igreja e ter filhos.

O casamento é um projeto para 90% das pesquisadas, sendo que 71% pretendem ter uma cerimônia religiosa. Os motivos alegados por 8% das adolescentes para não quererem o casamento formal é a insegurança diante da possibilidade de fracasso da relação.

Prefiro juntar, não sei se vai dar certo - 3%

Não acredito em casamento. É uma instituição falida - 2%

Depende se eu encontrar alguém legal - 1%

Muita responsabilidade - 1%

Não quero aturar marido, prefiro namorar eternamente - 1%

Com ou sem casamento, o objetivo de 76% é morar sozinha, assim que a sua situação financeira permitir.

Apenas 3% não têm a intenção de ter filhos. Uma delas justificou sua resposta afirmando que “hoje o mundo está se tornando cada vez mais difícil”.

Diante dos números, é possível afirmar que o desejo de construir uma família está muito presente em seus projetos de vida, o que prova que esta instituição ainda é uma referência para as adolescentes. Por outro lado, a família não exerce mais, com exclusividade, o papel principal em suas referências e representações. Sua importância existe, mas foi deslocada e, hoje, concorre com os amigos e a indústria cultural na hierarquia de valores da adolescência. A experiência conjugal dos pais, bem sucedida ou não, serve como mais um entre tantos “exemplos” que podem ser imitados ou não por elas.

Sociabilidade e Prestígio na Auto-Imagem Adolescente

Como já foi dito anteriormente, além das 100 pesquisadas, foram entrevistadas outras 6 adolescentes, cuja contribuição foi a de aprofundar algumas questões já levantadas nos questionários. As identidades das entrevistadas foram preservadas e, portanto, serão apresentados nomes fictícios. Olívia e Luana tinham, à época da entrevista, 16 anos; Carla e Kátia, 17 anos; e Dina e Dara, 19 anos. Também com elas, a sociabilidade surgiu, em todos os aspectos, como uma prática que denota prestígio e distinção. Quanto maior a rede de amizades, mais prestígio a adolescente acumula, facilitando a sua afirmação como indivíduo.

Na pesquisa quantitativa, as várias formas de sociabilidade foram apresentadas às pesquisadas através de perguntas que investigavam o lugar onde elas costumam encontrar outras pessoas de suas relações sociais. Através de suas respostas, conclui-se que é alto o interesse por atividades que reúnam várias pessoas.

94% das adolescentes afirmaram que o programa que mais gostam de fazer é frequentar a casa de amigos. Em seguida, vem a praia (88%), o shopping center (87%), a discoteca (79%), o teatro (76%), o cinema (68%) e o barzinho (62%).

A Internet é visitada por 73% das pesquisadas, 21% numa média de menos de uma hora por dia, mas menos da metade, 29%, frequenta salas de bate-papo. O telefone é ocupado por mais tempo, até três horas por dia, por 33% delas.

De todas, 20% frequentam algum grupo organizado, entre eles 3% fã-clubes e 2% grupos de teatro.

Entre as entrevistadas, a sociabilidade reiterou sua força, surgindo como principal motivação para a dinâmica das relações que se estabelecem entre elas. No trabalho de Rezende (2002), a sociabilidade é vista como um alicerce fundamental para a construção de uma relação de amizade. Segundo a autora,

a amizade surgia (...) como relação pautada na sociabilidade e, mais fortemente, na afinidade, na confiança e no ato de compartilhar questões pessoais e íntimas. (p. 146)

A amizade é um assunto que remete a fortes sentimentos pessoais. Ao falar sobre os amigos, as entrevistadas se mostra-

ram bastante criteriosas, declarando ter poucas relações de amizade – no máximo, 8 amigos.

As relações de amizade mais duradouras vêm do ambiente escolar. Segundo as entrevistadas, o ambiente escolar favorece a “obrigatoriedade” de algumas amizades.

Agora eu tenho mais por causa da faculdade, mas os que eu trouxe do colégio ainda tenho contato com uns quatro ou cinco. O contato lá era mais obrigatório. (Dina)

Ao definirem “amizade”, as adolescentes usaram, mais frequentemente, palavras como “paciência”, “tolerância”, “sinceridade”, “amor”, “irmãs”.

[A amizade exige] muita paciência, também, e tolerância. (Dina)

Adoro minhas amigas, minhas amigas são uma das bases pra eu conseguir passar esse ano, conseguir viver. [...] Eu definiria como amor, eu gosto muito delas. (Carla)

Eu costumo dizer que amizade é um amor que deu certo. (Luana)

Elas são amigas, assim, que são mais pra irmãs do que pra amigas. (Kátia)

O que é mais valorizado pelas entrevistadas em suas relações de amizade é a possibilidade de poder expor o “lado pessoal”. A “conversa” se estabeleceu como o principal elo que as une às suas amigas.

São as únicas pessoas que eu converso mais, que eu conheci no colégio e que eu converso até hoje, entendeu? Na faculdade, mesmo, eu não converso com quase ninguém. Converso assim: oi, tudo bem? (Dara)

Pra você ser amiga de uma pessoa, tem que ter alguns pontos em comum, porque senão você vai entrar em conflito o tempo inteiro, mas o mais importante é a sinceridade, que elas têm, e elas não falam o que eu quero ouvir, elas falam o que realmente acham. Por exemplo, eu sei que se eu pedir uma opinião, eu sei que elas vão dar uma opinião sincera e não a opinião que eu quero escutar. (Carla)

O círculo dos “amigos de verdade” não é fechado ao sexo oposto. Em alguns casos, os “meninos” aparecem como amigos, mas sempre em minoria. Os assuntos que preenchem as “conversas” entre as adolescentes e seus amigos do sexo masculino parecem ser de natureza diferente daqueles tratados com as amigas. Com estas, o “lado pessoal” tem mais liberdade de ser expresso.

Dentro das relações de amizade, há uma forma de hierarquização que parece distinguir aqueles que são mais daqueles que são menos amigos. Assim, pode-se destacar os “amigos de verdade” ou “melhores amigos”, os simplesmente “amigos” e os “colegas” ou “coleguinhas”. Os “colegas”, em geral, são aqueles que fazem parte do círculo social das adolescentes (colégio, faculdade, cursos, entre outros ambientes), mas que não são incluídos no “grupo fechado” dos “melhores amigos”.

Amigos, eu tenho bastante. Mas melhores amigos eu tenho Luana, Kátia e um amigo meu, o Fábio. Eles são muito importantes na minha vida.
(Olívia)

Amigos de verdade? Nenhum. Amigo, amigo, de verdade, não tenho.
(Dara)

Não têm o título de amigo, mas são colegas. (Dina)
Colegas, conhecidas. (Carla)

Colegas, eu acho o fato de ser colega e não amigo é porque não tem uma afinidade. (Kátia)

Embora as adolescentes declarem que é necessária alguma afinidade para que a amizade mais estreita se estabeleça, elas afirmam que suas amigas são diferentes entre si. Umas são mais “quietinhas” e outras mais “espevitadas”.

Rezende (2002), ao estudar a noção de amizade no Rio de Janeiro, também identificou nos depoimentos de sua pesquisa uma diferenciação entre os seus vários tipos. A autora destacou expressões como “amigos, colegas, amiguinhos, coleguinhas, amigos mesmo, amigos de verdade, melhor amigo”. Segundo Rezende (2002), é o grau de “profundidade” do relacionamento que determina esta diferenciação. No entanto, a autora conclui que a noção de amizade identificada nos discursos de seus entrevistados está associada apenas às relações com os “amigos mesmo” ou “amigos de verdade”.

Rezende (2002) conclui, ainda, que a sociabilidade está mais presente no processo de aproximação que gera uma relação de amizade futura, onde, então, a confiança e as revelações pessoais caracterizam uma etapa mais sólida do relacionamento.

É interessante observar como a questão da sociabilidade é central entre as adolescentes entrevistadas. No momento em que foram solicitadas a se descreverem, mais uma vez foi ela que surgiu em seus discursos. Referiram-se à tendência de causarem nas outras pessoas de sua idade a impressão, segundo elas errada, de serem “fechadas” e “metidas”. Em geral, as adolescentes afirmaram que são “legais”, “animadas”, “engraçadas” e que “gostam de ajudar”.

Quando perguntadas sobre o aspecto físico, as adolescentes mostraram-se críticas. As principais referências foram aos cabelos, à musculatura e ao peso.

A insatisfação declarada pelas entrevistadas acompanha os efeitos de um padrão de beleza estabelecido. Para Goldenberg & Ramos (2002),

“Devido à mais nova moral, a da ‘boa forma’, a exposição do corpo, em nossos dias, não exige dos indivíduos apenas o controle de suas pulsões, mas também o (auto) controle de sua aparência física”. (p. 25)

No entanto, a preocupação com a aparência não se revelou maior do que com os aspectos mais ligados ao fator da sociabilidade, como “animação”, por exemplo. A forma de distinção que se apresentou mais explícita é a facilidade de aproximação com os outros adolescentes, seja pela virtude de se fazer “engraçada” ou de se mostrar solícita, “ajudando” as pessoas.

Aí quem não me conhece fala que eu sou maluca, mas depois que me conhece, diz ‘você tem cara de maluca, mas você é tão normal...!’. Aí eu acho que elas se decepcionam, não sei. Mas quem me conhece diz que eu sou legal, alegre, divertida... (Dara)

Geralmente, falam que eu sou muito engraçada, que eu gosto de fazer os outros rirem (Dina)

Muita alegria, muito senso de humor e aquele senso de bondade de sempre querer ouvir as pessoas. De querer ajudar, sem preconceito nenhum, eu não tenho preconceito nenhum, nem elas, é um grupo muito bem

escolhido. A primeira coisa que me chamou a atenção foi a alegria, o bom humor. (Kátia)

Pelo que pôde ser observado no discurso das entrevistadas, o sentido de “ajudar” pode estar relacionado à disponibilidade para uma conversa, com ou sem aconselhamento. O fato de “saber escutar” é valorizado no círculo mais fechado das amizades, tanto como um fator de distinção social (Bourdieu, 1988) como de prestígio social.

Ah, eu gosto delas porque elas me escutam... (Dara)

Recorrendo aos conceitos de distinção social, de Bourdieu (1988), e de imitação prestigiosa, de Mauss (1974), pode-se pensar que tal valorização se dá como uma forma de afirmação da identidade, onde cada adolescente busca distinguir-se a partir daquilo que a diferencia das demais, ou seja, a sociabilidade. Para elas, alimentar uma rede de relacionamentos significa aumentar potencialmente o seu prestígio social, que é imitado a partir da própria prática da amizade.

Por outro lado, ao descrever as pessoas com que convivem, as entrevistadas dividem-se entre dois tipos de critério: o que diz respeito ao comportamento social e o que se baseia na aparência, no “estilo”.

Com relação ao primeiro critério, a disposição para uma forma de relacionamento social é o que conta. Assim, pode-se destacar algumas classificações recorrentes no discurso das adolescentes, como “metida”, “preconceituosa”, “palhaços”, entre outros.

Eu não gosto de gente metida, que conta vantagem. As pessoas simpáticas, mesmo não sendo tão legais, são mais fáceis de lidar. Gente metida, é difícil. (Dara)

Eu não sou radical, eu não sou assim, ‘ah, eu não vou falar com ela’, mas eu sou assim, ‘parece ser meio metida, não vai falar comigo’, eu fico assim, ‘ah, ela não vai falar comigo, então eu não vou falar com ela’. Eu tenho muita vergonha. Eu fico pré-julgando, eu fico, tipo assim, olhando quem vai falar comigo. (Olívia)

Por exemplo, os ‘nerds’, os ‘malucos’, os ‘palhaços’, ‘descontrolados’, ‘débil mental’ (Kátia)

Quando o critério é o de aparência, em geral são valorizados os adolescentes que mostram ter “estilo”, sendo “estilo”, para as entrevistadas, uma forma de criar sua própria identidade dentro de um cenário social mais abrangente. Surgem nesta forma de classificação as “patys” ou “patricinhas”, os “punks”, os “malucos”, os “skatistas” e os “clubbers”. Além do aspecto visual, a atitude individual ajuda a compor o “estilo” da pessoa. Assim, por exemplo, um adolescente que use uma peça de roupa “customizada”, ou seja, que tenha sofrido uma modificação artesanal pela própria pessoa que a veste, é classificado como alguém “diferente”, que tem “estilo”.

Eu converso com todo mundo, mas para eu olhar para uma pessoa ‘nossa, que legal, a roupa dela’, eu gosto de gente com estilo. Apesar de eu não ter, de não usar nada diferente, mas pessoa que anda diferente, eu falo assim: ‘nossa, que pessoa legal, diferente, deve ser uma pessoa legal. (Dara)

Tem umas pessoas mais criativas que pegam uma peça e fazem uma coisa manual na roupa... Eu estava tentando inclusive antes de você chegar, tentando costurar um bolsinho numa camisa... Mas ainda não tive nenhuma tentativa certa nesse sentido. [...] Estilo é colocar um trabalho manual que você saiba fazer. (Dina)

Às vezes a gente dá o biotipo da pessoa, fala ‘ah, aquele loucão ali’, ‘aquele punk’, mas assim, não que a pessoa seja, mas é a primeira coisa que vem à cabeça, ‘pô, aquele moleque ali, irado, de cabelo vermelho. (Kátia)

Encontramos aqui o conceito de rotulação, de Becker (1963), que atribui a um grupo uma ou mais características de um comportamento individual. Neste sentido, surgem as expressões encontradas nos depoimentos das entrevistadas, que adotam o discurso instituído por aqueles com que se identificam. Mais do que um mecanismo social de construção de uma identidade, esta rotulação permite que cada grupo exerça uma forma de controle sobre aquilo que considera normal ou desviante (Becker, 1963). Assim, é natural que, nos depoimentos, sejam identificadas outras formas secundárias de classificação, mais próximas de valores sociais considerados desviantes. Neste aspecto, encontram-se os “drogados” e os “que não querem nada”, para citar alguns exemplos considerados negativos.

Em geral, as adolescentes afirmaram que procuram não fazer nenhum pré-julgamento, que buscam sempre travar um primeiro contato para poder formar sua opinião. No decorrer de seus discursos, porém, o que se observa é uma certa cumplicidade com as classificações instituídas pelos seus pares.

Eu não sou muito de pré-julgamento. [...] não tenho nada contra elas [as 'patys'], só que na minha infância eu achei que elas têm pré-julgamento, não fazem a mínima questão de saber qual é o outro lado da história, entendeu? São as patys legítimas, também tem umas bem legais.... Ah, mas não tenho nada contra, mas também não tenho nada a favor. (Luana)

Diante desta constatação, talvez se possa concluir que assumir o discurso do não-preconceito é uma forma de prestígio social.

Ao se auto classificarem, as entrevistadas se mostraram menos específicas em suas respostas, com uma exceção. Apenas uma entrevistada foi categórica em afirmar que é "patricinha", considerando o critério da aparência. No entanto, as demais não utilizaram este fator em sua auto-análise, preferindo o critério de sociabilidade. Assim, surgiram definições como "animada", "alegre", "engraçada", ou ainda "madura", "meio sem definição", "sem estilo".

Percebe-se que, entre estas adolescentes, os traços de distinção não estão na escolha do "estilo" das roupas e nem do "estilo de música" que, como uma delas afirmou, pode influenciar no jeito "diferente" de se vestir. A prática de esportes também é vista como um dos fatores de distinção de alguns estilos de vida, como o dos "skatistas", citado pelas entrevistadas. O fato delas não se considerarem parte de nenhum dos estilos identificados por estes e outros traços marcantes surge como uma forma de autovalorização. As adolescentes se consideram "legais" e "sem preconceito", estando, portanto, numa posição de prestígio social, já que podem se relacionar com pessoas diferentes, sem se comprometerem com nenhum "estilo".

[meu grupo é de] Pessoas legais, que aceitam todos, mas pena que é um grupo muito pequeno. Com quem está quieto num canto, a gente vai lá e fala.... Conversa com a pessoa. Pode até não conviver com ela, não sair, mas pelo menos a gente dá aquele apoio pra pessoa, quando ela tá sozinha. (Olívia)

Pode-se concluir, diante de seus discursos, que as referências sociais entre as adolescentes observadas recaem muito mais sobre a rede de relações de amizade que acumulam, em geral decorrentes do ambiente escolar, do que sobre a família. É a partir da convivência com outros adolescentes que as normas se estabelecem, assim como os desvios. Na sociabilidade, as adolescentes exercitam suas formas de classificação e, conseqüentemente, de distinção e prestígio social. No entanto, foi possível identificar, também, a forte presença da figura materna na vida destas adolescentes.

Através de seus relatos, que com grande freqüência contavam com a figura materna citada nos exemplos e nas justificativas das adolescentes, percebe-se que o vínculo mais forte dentro da família se estabelece com as mães. Elas são suas referências como “amigas”, provedoras, conselheiras e repressoras, em alguns casos.

Vale a pena destacar que, durante uma das entrevistas, a mãe da adolescente ficou presente todo o tempo, ouvindo cada resposta da filha, sem, no entanto, intervir. Depois da entrevista, a mãe fez um longo discurso sobre os motivos de sua rigorosa educação e comentários sobre algumas repostas da entrevistada.

A figura paterna praticamente não surgiu nos discursos e, quando aparecia, era sob o comentário de que não havia muito diálogo com o pai.

As experiências de vida das mães são usadas por elas próprias como exemplos para orientar suas filhas, principalmente com relação a assuntos ligados à sexualidade. As entrevistadas parecem respeitar e ouvir os conselhos de suas mães, podendo discordar em alguns aspectos.

A Indústria Cultural na Construção de Identidades

Durante a pesquisa com as adolescentes, surgiu uma classificação – as “patricinhas” – que deu origem a uma discussão sobre o processo de construção das identidades, onde a rotulação (Becker, 1963) exerce papel regulador das normas entre os indivíduos que passam por esta transitória fase da vida.

Dez anos depois da origem da gíria, o termo “patricinha” já é um verbete oficial da língua portuguesa. A última edição do dicionário

onário Michaelis incluiu a palavra em suas páginas e traz a seguinte definição:

“pa.tri.ci.nha *sf* 1 gír Moça de classe social elevada. 2 gír – Moça bem-vestida, que usa roupas de marca ou caras”.

A mesma definição serve para o masculino de “patricinha”, que é “mauricinho”.

A gíria “patricinha”, apropriada pelo senso comum, tornou-se uma expressão incorporada pelo discurso adolescente. Assim como as “*neo-hippies*”, as “*yuppies*”, as “alternativas”, as “*fashion*”, as “ratas de academia”, as “funkeiras”, as “pagodeiras”, entre tantos outros estilos, essas adolescentes são classificadas em função de fatores estreitamente relacionados com sua origem social. Tanto que, em todas as definições, o alto poder aquisitivo e o consumo de produtos considerados caros são elementos inerentes à condição de “patricinha”.

Tomando como exemplo o artigo de Zaluar (1997), podemos considerar o estilo de vida destas adolescentes como o resultado da difusão cultural entre a juventude brasileira e a norte-americana, que, por sua vez, são influenciadas pela europeia. Nesse processo de aquisição e transformação de usos e costumes estrangeiros, entram principalmente três componentes que, difundidos pela indústria cultural, como afirmou Sodré (1992) ao discutir a “autoridade da informação”, têm forte influência sobre o universo jovem: moda, música e cinema.

No texto que introduz a coletânea de artigos do livro “Galeras Cariocas”, o antropólogo Vianna (1997, p. 15) apresenta como objetivo da publicação o desejo de “aprofundar o estudo da diversidade cultural criada por adolescentes contemporâneos”. Sua proposta é discutir a juventude carioca sem o estigma da uniformidade. Vianna (1997) defende a idéia de que a juventude não deve ser analisada por um “denominador comum”, um padrão que a transforma numa coisa só, mas sim por sua diversidade. Segundo o autor, os jovens cariocas são uma referência para o resto do país, já que na dinâmica de difusão de sua cultura e, subjacentemente, de suas subculturas, produzem símbolos e exportam “modismos” que, na verdade, nunca são “meros modismos”(Vianna, 1997, p.15).

Baseada no artigo do mesmo livro “Galeras Cariocas”, Zaluar (1997) nos faz concluir que esses “modismos” são, na maioria das

vezes, o resultado daquilo que é produzido na indústria fonográfica e da moda, e que depois são mundialmente difundidos através da imprensa, do cinema e da televisão. O processo criativo nasce de fatos sociais que, interpretados pelo artista (seja ele um estilista, músico ou cineasta), são transformados em produtos. Esses produtos, quando são divulgados para fora de seu contexto social e confrontados com uma cultura diferente, são transformados. Esse hibridismo cultural, então, desloca o significado da “obra” para um outro contexto, que traz um novo significado a partir de novas leituras. A moda, portanto, só pode ser compreendida na sua essência se for contextualizada.

Assim como a maioria dos estilos de vida adolescentes, o das “patricinhas” também é o resultado de um processo de hibridação cultural. O estilo de vida da menina das camadas mais altas da sociedade americana, que tem acesso livre ao dispêndio perdulário e totalmente ditado por uma sociedade de consumo capitalista, chegou ao Brasil no início dos anos 90 através da importação de filmes como “As Patricinhas de Beverly Hills” (adotando a gíria carioca que se difundiu de forma definitiva para todo o território nacional através da distribuição da película) e de seriados televisivos como “Barrados no Baile”. O estilo de vida das personagens dessas duas produções cinematográficas foram mimetizadas por muitas adolescentes, que passaram a usar o mesmo penteado, a mesma tinta de cabelo, os mesmos modelos de roupas e o mesmo gestual, transformando as “*rich girls*” (garotas ricas) norte-americanas no modismo apelidado com a gíria “patricinhas”.

Zaluar (1997) compara as gangues norte-americanas com a *galères* francesas e as quadrilhas cariocas, observando que o fato social que origina a formação de um determinado subgrupo jovem se perde no momento que é imitado por grupos de uma cultura diferente. A desigualdade social, por exemplo, pode ser determinante para a formação de um subgrupo que tem como origem camadas mais baixas de uma sociedade. Quando esse subgrupo é imitado numa outra sociedade pode, no entanto, ter seu estilo de vida incorporado por indivíduos de camadas mais altas.

No caso das “patricinhas”, o “estilo” de comportamento é muito mais característico e criticado pelas adolescentes pesquisadas e por páginas da Internet que se auto-intitulam “anti-pattys”, como “falar alto”, “mexer no cabelo”, “rir de tudo e de todos”, “ser pouco inteligentes”, embora o fator financeiro seja

condicional para o acesso a “roupas de *griffe*” e lugares “badalados”. Assim, o que nos Estados Unidos é identificado com as “*rich girls*”, aqui pode ser incorporado pelas meninas de camada média. Afinal de contas, roupas de “*griffe*” podem ser imitadas, pois o que importa para as “patricinhas” é “a aparência”.

É se preocupar com aparência e se vestir bem.

É um jeitinho próprio de ser, de se arrumar, de falar, gesticular e geralmente a patricinha é metida, educada, amiga e tem vários amigos, é popular.

Ser uma pessoa que se arruma bem, vai ao shopping renovar seu guarda-roupa, mas nem sempre é nojenta do jeito que falam.

É um grupo, bando, como todos os outros.

É ser bem arrumada.

Formas de Classificação e Acusação – Refletindo sobre as “Patricinhas”

Nas entrevistas em profundidade, a expressão “patricinha” ou “paty” surgiu espontaneamente no discurso das entrevistadas, o que foi explorado para uma melhor análise das formas de classificação adotadas por elas.

A gíria apareceu nas respostas à questão que solicitava uma descrição das pessoas com que elas conviviam em seus colégios e faculdades. Em geral, foi uma das primeiras descrições, seguida de outras como “skatistas”, “nerds”, entre outros.

Por exemplo, os “nerds”, os “malucos”, os “palhaços”, “descontrolados”, “débil mental”, mas não os piores, né, que a gente vê aí... “patricinha”, né, não sei o que, eu não tenho nada contra, até acho legal.... (Kátia)

Sempre tem.. deixa eu ver.. grupo dos que não querem nada, grupo dos que querem alcançar metas de qualquer jeito, tem o das patys, tem o dos malucos... (Luana)

Carla, de 19 anos, declarou-se “patricinha”. Segundo ela, não uma “patricinha extremada”, mas “patricinha”.

Ah, eu me considero patricinha. Pelos outros falarem e também, eu posso não ser patricinha extremada, mas eu gosto do estilo, às vezes eu compro

em lojas que geralmente são denominadas loja de patricinha, gosto das roupas... (Carla)

Esta forma de graduação entre o “ser patricinha” e o “não ser patricinha” ganhou outras expressões, como “paty legítima”. Assim, mesmo as adolescentes que identificavam as “patys” como diferentes de si mesmas, puderam admitir que tinham um pouco de “patricinha” quando, por exemplo, compravam em alguma loja que vende roupas do “estilo patricinha” ou simplesmente quando saíam mais “arrumadinhas”.

Gosto de roupas, só por esse lado pode ser que eu seja patricinha.... (Dina)

São uns detalhes, por exemplo, eu gosto de misturar estilos, por exemplo, boto um top de paty com uma calça *street*, boto um tênis com saia, coisa que no mundo das patys seria considerado uma afronta. (Luana)

A definição de “patricinha” recaiu, principalmente, sobre o argumento do “estilo” e da “preocupação com a aparência”. Elas são associadas a um tipo de consumo em que as roupas e os acessórios denotam o “estilo patricinha”, que também inclui certos cuidados com o cabelo e maquiagem. Neste sentido, as entrevistadas afirmaram “não ter nada contra” e até disseram que “acham legal”.

Ah, bem patricinha é escova no cabelo impecável, andar meio rebolando, uma roupa bem que tá todo mundo usando e detalhes, tipo brinco enorme, maquiagem... (Carla)

Todo mundo fala de patricinha como uma ofensa, eu acho que não é nenhuma ofensa. Eu acho que é um estilo de roupa como o *grunge*, como a forrozeira, tem estilos de visual. E assim como a patricinha pode ser super culta, saber muita coisa, ela pode ser burra mesmo, assim como pode ter um forrozeiro que sabe tudo de história e pode ter um cara que não sabe nada de nada, totalmente alienado. (Carla)

Quando eu estou bem, eu saio mais arrumadinha. Quando não estou muito legal, uso uma calça e uma blusa, tênis todo ferrado. (...) Ah, é meio paty. Uma sainha, um tenisinho, um tamanco, uma blusinha mais arrumadinha. (Olívia)

Quando a descrição das “patricinhas” tomava o aspecto social e comportamental, então ela ganhava um tom pejorativo e denunciava o grau máximo do “estilo”, que é o das “patricinhas extremadas” ou “legítimas”. Segundo as adolescentes, estas são “nojentinhas”, “fúteis”, “elitistas” e “acham tudo um horror”. Andam sempre em grupo e “não fazem a mínima questão de saber o outro lado da história”.

Ah, a primeira coisa que me vem à cabeça é futilidade. De só pensar em aparência física, só pensar em roupa, em vaidade, em festas, no que as pessoas vão pensar de você. (Dina)

Até hoje eu não entendo, mas pra mim, “patricinha”, é uma coisa só que me lembra “patricinha”, é aquela coisa de, não tenho uma palavra certa, mas é ‘ah, meu Deus do Céu, ai meu Deus’, tudo é assim e assado... Roupa não tem nada a ver com patricinha, mas é aquela coisa assim nojentinha, qualquer coisa crítica, ‘ai, que coisa horrível. (Kátia)

Então não sou patricinha extremada, eu gosto, mas eu mesclo com outros estilos. Assim, eu me considero patricinha mas eu não sou tão patricinha, porque eu acabo falando com todo mundo, tenho vários colegas, tenho poucas amigas, mas muitos colegas. (Carla)

O “estilo das patricinhas” não é rejeitado, quando associado a uma preocupação com a aparência ou a um tipo de vestuário que é tido como “arrumadinho”. Esta associação permite falas do tipo “por este lado, eu sou patricinha” ou “eu boto um top de paty”.

Percebe-se, no entanto, uma certa preocupação no sentido de que elas não sejam confundidas com as “patricinhas” e, mesmo no caso de Carla, que se assumiu uma, com as “patricinhas extremadas”.

Em nenhum momento, o estilo foi associado à questão financeira, às camadas mais altas das sociedade ou à disposição para gastar muito dinheiro com roupas.

As descrições utilizadas por estas adolescentes reforçaram os dados quantitativos do levantamento anterior, que também associava as “patricinhas” à “futilidade” e “aparência” (22%) e a termos como “metida” (16%).

Diante da análise das entrevistas e dos dados anteriormente apurados na pesquisa quantitativa, pode-se refletir mais profun-

damente sobre o termo “patricinha”, que se revelou bastante presente nas formas de classificação das adolescentes.

“Patricinha” é uma atribuição que se dá a um estilo de adolescente que tem como característica marcante a valorização da aparência física. Esta preocupação pode levar a um grau menor ou maior de “ser patricinha”, sendo o primeiro aceitável pelas adolescentes e o segundo, rejeitado. Em outras palavras, “ser patricinha” é distinguir-se pela adoção de determinados hábitos padronizados que podem ser associados a um “estilo” de se vestir ou a um comportamento rotulado (BECKER, 1963) como “fútil” ou, ainda, a estas duas características combinadas.

O “estilo patricinha” reúne hábitos de consumo que vão desde o uso de modelos de roupas identificadas com determinadas *griffes* da moda até de tipos específicos de acessórios, como “argolas enormes”. Ao contrário do que mostrou a pesquisa quantitativa, no entanto, as tais roupas de *griffe* nem sempre são compradas nas lojas da *griffe*, mas podem ser similares, só que de outras marcas mais baratas. Esta constatação refuta a hipótese de que as “patricinhas” sejam exclusivas das camadas superiores, de onde, na verdade, surgiu o termo, em 1991, lançado pelo colunista Zózimo do Amaral, inspirado na *socialite* Patrícia Leal. Remetendo mais uma vez a Becker (1963), constata-se que a rotulação atribuiu a um grupo uma ou mais características individuais, disseminando o “estilo patricinha”. Por “imitação prestisa” (MAUSS, 1974), as camadas inferiores buscaram se identificar, então, com este estilo.

Assimilada pelas adolescentes, a expressão “patricinha” ganhou novos sentidos e desdobrou-se em classificações que, quando negativas, cumprem com sua função de controle social, através dos sistemas de acusação (VELHO, 1999).

Conclui-se, portanto, que o termo “patricinha” pode ser utilizado ou não como uma categoria de acusação. O que determina esta ambiguidade é o aspecto que está sendo focalizado: de um lado, o “estilo”, aceito e muitas vezes até adotado pelas demais adolescentes e, de outro, o comportamento, rejeitado pela maioria. Para separar estes dois sentidos, permito-me, então, fazer uma releitura desta classificação, atribuindo ao aspecto positivo a expressão “parecer patricinha” e, ao negativo, “ser patricinha”.

Analisando os depoimentos das entrevistadas, percebe-se que elas “parecem patricinhas” quando se preocupam um pouco mais com o vestuário, optando por tipos de roupas ou de acessórios

que sejam identificados com um estilo mais “comportado” e padronizado com a moda amplamente adotada na época. O fato de “parecerem patricinhas” legitimam o estilo, pelo aspecto da valorização da aparência física.

Por outro lado, o “ser patricinha” nunca é assumido, sendo, ao contrário, utilizado para rotular adolescentes que contrariam as normas da sociabilidade estabelecidas como “legais”, “sem preconceitos”. “Ser patricinha”, aqui, é ser “fútil”, “nojenta”, “burra”, “preconceituosa”.

Várias reflexões poderiam ser desenvolvidas se nos debruçássemos sobre esta constatação já que, em primeira análise, descrições como “clubbers” e “punks”, entre outras, não surgem com esta ambiguidade, mesmo também estando associadas a um tipo de consumo de roupas e de comportamento. Em outras palavras, um adolescente é ou não é “clubber”, é ou não é “punk” e, se identificado como pertencente a este estilo de vida, é esperado dele um conjunto de características que deixam bem clara a sua condição. Uma adolescente que, por sua vez, pareça “patricinha” um dia, pode não ser identificada com uma no outro.

O estabelecimento das fronteiras sociais na adolescência, conclui-se, é determinado pela própria dinâmica das relações sociais que dela fazem parte. A família, os amigos (diretamente relacionados ao ambiente escolar) e a indústria cultural se entrelaçam nesta rede social. Abandonando a sua forma mais tradicional, a família moderna não é mais nuclear, mas sim periférica. Em sua órbita, também transitam os amigos, os namorados, a televisão, as revistas e a Internet. São as informações filtradas dentro e fora de casa que formam as principais referências sociais da adolescência. E que colocam diante de suas decisões as diversas escolhas possíveis para um indivíduo que busca sua identidade em um mundo hegemonicamente adulto.

Tabela 1 - Resultados da pesquisa: lado bom x lado ruim da adolescência

LADO BOM	LADO RUIM
Os amigos - 29%	Não ser dono do próprio nariz - 22%
Não ter compromisso família e dinheiro - 22%	Passa rápido - 17%
Pode "zoar" - 14%	Começar a assumir seus erro - 13%
Fazer as próprias escolhas - 13%	A marcação cerrada da família - 12%
Poder sair à noite, ter mais liberdade - 8%	Desiluições, descobrir que a vida é difícil - 11%
Conhecer coisas novas, as descobertas - 4%	Pressão para passar no vestibular- 9%
Errar a vontade e todo mundo entender - 3%	Não ser levado a sério - 5%
Ser saudáveis, bonitos, alegres, extrovertidos - 1%	Você se acha horrível - 3%
Temos mais coragem - 1%	As drogas - 3%

ABSTRACT: Based on a research realized with more than 100 middle and high classes teenagers from South Zone of Rio de Janeiro, this article objectives to discuss the social configurations that determine the new role of family, friends and cultural industry on the construction of the notion of adolescence and the identities among the ones who live this phase of life.

From the results of the quantitative research and the personal interviews realized, we make a reflection about the representations in adolescence and their contributions to the classification forms the are present in the social relations. Among other questions, it is focused the accusation category "patricinhas".

KEY WORDS: adolescence, family, gender.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000, 258 p.

BECKER, H. S. *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. Nova York: Free Press, 1963.

GOLDENBERG & RAMOS. A civilização das formas: o corpo como valor. In GOLDENBERG, M. (org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002, p. 9,40.

MAUSS, M. *As Técnicas Corporais in Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974. p. 213-233.

REZENDE, C.B.. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002, 164 p.

SOARES, R. Adolescência: monstruosidade cultural? In *Educação & Realidade*. V. 25, n2, jul/dez. 2000, p. 151-159

SODRÉ, M. *O Social Irrradiado: Violência Urbana, Neogrotesco e Mídia*, São Paulo: Cortez Editora, 1992, 127 p.

VIANNA, H. (org.). *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.279 p.

ZALUAR, A. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: *Galeras Cariocas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 17, 58.